

Capítulo 54

A Alta e a Baixa

Alguns dias após este encontro, Albert de Morcerf visitou o conde de Monte Cristo na sua casa nos Campos Elísios, que já tinha assumido aquela aparência de palácio que, graças à sua fortuna, o conde dava a todas as suas residências, mesmo as temporárias.

Ele veio renovar os cumprimentos da senhora Danglars, que já lhe enviara uma carta assinada «baronesa Danglars, nascida Hermine de Servieux».

Albert estava acompanhado por Lucien Debray, que juntou às palavras do amigo alguns cumprimentos, que não eram oficiais, mas de cuja origem o conde, graças à sua perspicácia, não tinha dúvidas.

Ele estava convencido de que a visita de Lucien se devia a um duplo sentimento de curiosidade, sendo que metade dela provinha da Rua da Calçada d'Antin. Na verdade, ele podia supor sem temer enganar-se que a senhora Danglars, que não podia conhecer pelos seus próprios olhos os aposentos de um homem que dava cavalos no valor de trinta mil francos e que ia ao Opéra com uma escrava grega com um milhão de diamantes, tinha encarregado os olhos pelos quais ela estava habituada a ver de lhe darem informações sobre esses aposentos.

Mas o conde não mostrou suspeitar que existisse a mais pequena relação entre a visita de Lucien e a curiosidade da baronesa.

— Tem uma relação estreita com o barão Danglars? — perguntou o conde a Albert de Morcerf.

— Sim, senhor conde, como já lho tinha dito.

— E o compromisso mantém-se?

— Mais do que nunca. O assunto está tratado.

E Lucien, considerando que estas palavras lhe davam o direito de se abstrair da conversa, ajustou a luneta de tartaruga ao seu olho, pegou no castão de ouro da sua bengala e começou a percorrer a sala, examinando as armas e os quadros.

— Ah! — disse Monte Cristo. — Mas, quando o ouvi, não pensei que fosse resolvido tão depressa.

— Oh, as coisas levam o seu rumo sem a nossa assistência. Quando não nos ocupamos delas, elas ocupam-se de nós. E, quando voltamos a dirigir a nossa atenção para elas, somos surpreendidos pelo progresso que elas fizeram. O meu pai e o senhor Danglars serviram juntos em Espanha, o meu pai, no exército, e o senhor Danglars no departamento de abastecimento. Foi aí que o meu pai, arruinado pela Revolução, e o senhor Danglars, que nunca tinha tido qualquer património, lançaram ambos as fundações das suas fortunas: o meu pai, da sua excelente fortuna política e militar; e o senhor Danglars, da sua admirável fortuna política e financeira.

— Sim, é verdade — disse Monte Cristo. — Penso que o senhor Danglars me falou nisso numa visita que lhe fiz. — E continuou, com um olhar para Lucien, que folheava um álbum: — A menina Eugénie é bonita? Penso ser este o seu nome.

— Muito bonita, ou melhor muito bela — respondeu Albert —, mas com um estilo de beleza que eu não aprecio. Sou um ingrato.

— O senhor fala como se já fosse marido dela.

— Ah — respondeu Albert, voltando-se por sua vez para ver o que estava a fazer Lucien.

— Realmente — disse Monte Cristo, baixando a voz —, o senhor não me parece muito entusiasmado com este casamento.

— A menina Danglars é demasiado rica para mim — respondeu Morcerf. — Isso assusta-me.

— Ora! — exclamou Monte Cristo. — Aí está uma boa razão. O senhor também não é rico?

— O rendimento do meu pai é de cerca de cinquenta mil francos por ano, e ele talvez me dê dez ou doze mil quando eu me casar.

— É verdade que isso não pode ser considerado uma grande soma, especialmente em Paris — disse o conde —, mas nem tudo depende da riqueza e é importante ter um bom nome, e ocupar uma boa posição na sociedade. O seu nome é reconhecido, a sua posição é magnífica, e o conde de Morcerf é um soldado. E é um prazer ver a integridade de Bayard unida à pobreza de Duguesclin. O desinteresse é o mais belo raio de sol sob o qual pode reluzir uma nobre espada. Quanto a mim, pelo contrário, considero que a união com a menina Danglars não podia ser mais adequada: ela irá enriquecê-lo, e o senhor, enobrecê-la.

Albert abanou a sua cabeça e ficou pensativo.

— Há mais uma coisa — disse ele.

— Confesso — observou Monte Cristo — que tenho alguma dificuldade em compreender a sua repugnância por uma jovem rapariga que é bonita e rica.

— Oh, meu Deus! — disse Morcerf. — Essa repugnância, se existe, não é só da minha parte.

— De onde pode vir então? Se me disse que o seu pai deseja o casamento.

— Da parte da minha mãe, e a minha mãe tem um olhar muito prudente e seguro. Ela não sorri a esta união. Tem qualquer coisa contra os Danglars.

— Ah! — disse o conde, num tom um pouco forçado. — Isso percebe-se. A condessa de Morcerf, que é a distinção, a aristocracia e a cortesia em pessoa, hesita em tocar uma mão plebeia, grossa e bruta: é natural.

— Não sei se é esse o motivo — disse Albert. — O que sei é que este casamento, se se realizar, a deixará infeliz. Já nos devíamos ter reunido para tratar do assunto há seis semanas, mas tenho tido umas enxaquecas...

— Reais? — interrompeu o conde, sorrindo.

— Oh! Reais, não duvide... De modo que o assunto foi adiado por dois meses. Sabe, não há pressa. Ainda não tenho vinte e um anos e a Eugénie só tem dezassete. Mas os dois meses terminam para a semana. Tem de ser feito. Meu caro conde, não pode imaginar como a minha cabeça está confusa. Como deve ser feliz por ser livre!

— Pois então, seja livre também. Quem o impede?

— Oh! Será uma grande decepção para o meu pai se eu não casar com a menina Danglars.

— Então case-se com ela — disse o conde, com um singular encolher de ombros.

— Sim — respondeu Morcerf. — Mas, para a minha mãe, isso não será uma decepção, será um desgosto.

— Então, não se case com ela — disse o conde.

— Veremos. Vou pensar. Vai dar-me o seu conselho, não vai? E, se possível, vai libertar-me deste embaraço. Creio que, para evitar magoar a minha mãe, arriscaria ofender o conde.

Monte Cristo virou-se. Parecia comovido.

— Ah! — disse ele para Debray, que se tinha sentado numa poltrona profunda no extremo do salão, e que tinha um lápis na mão direita e uma agenda na esquerda. — O que está a fazer? Um esboço de Poussin?

— Oh, não — foi a sua tranquila resposta. — Gosto demasiado de arte para fazer uma coisa dessas. Faço o que lhe há de mais oposto. Faço contas.

— Contas?

— Sim. Estou a calcular. Isto diz-lhe indiretamente respeito, visconde. Estou a calcular o que a casa Danglars deve ter ganhado com a última subida de títulos no Haiti. Subiram de duzentos e seis para quatrocentos e nove em três dias, e o prudente banqueiro comprou muitos por duzentos e seis. Deve ter lucrado mais de trezentas mil libras.

— Mas isso não foi onde ele ganhou mais dinheiro — disse Morcerf. — Ele não ganhou um milhão com os títulos de Espanha este ano?

— Meu caro — disse Lucien —, está aqui o conde de Monte Cristo, que lhe dirá, como dizem os italianos: «*Denari e santità, / Metà della metà.*»¹ E continua a ser muito. Quando me contam coisas dessas, encolho os ombros.

— Mas está a falar do Haiti? — disse Monte Cristo.

— Ah! O Haiti, isso é outra coisa! O Haiti é o *écarté* da agiotagem francesa. Pode-se gostar de *bouillotte*, amar o *whist*, ser louco pelo *boston*, e cansarmo-nos de todos eles. Mas voltamos sempre ao *écarté*, não é apenas um jogo, é um acepipe. O senhor Danglars vendeu ontem a quatrocentos e seis, e embolsou trezentos mil francos. Se ele tivesse esperado por hoje, o preço teria descido para duzentos e cinco, e, em vez de ganhar trezentos mil francos, ele teria perdido vinte ou vinte e cinco mil.

— E porque é que os títulos desceram de quatrocentos e nove para duzentos e cinco? — perguntou Monte Cristo. — Perdoe-me a pergunta, mas sou profundamente ignorante de todas essas intrigas da Bolsa.

— Porque — disse Albert, rindo-se — uma notícia segue-se à outra e geralmente há uma grande diferença entre elas.

— Ah! — disse o conde. — Se o senhor Danglars joga para ganhar ou perder trezentos mil francos num dia, deve ser imensamente rico.

— Não é ele que joga! — exclamou Lucien. — É a senhora Danglars. Ela é de facto intrépida.

— Mas o senhor, que é um homem razoável, Lucien, e sabe como as notícias são pouco estáveis, uma vez que está na fonte, devia impedi-la — disse Morcerf, com um sorriso.

— Como é que eu posso fazer isso, se nem o seu marido a controla? — perguntou Lucien. — Conhece a personalidade da baronesa, ninguém tem qualquer poder sobre ela, e ela faz precisamente o que lhe apetece.

— Ah, se eu estivesse no seu lugar — disse Albert.

— Sim?

— Eu curava-a. Seria um favor que faria ao seu futuro genro.

— Como faria isso?

— Ah, meu Deus! Seria fácil. Dava-lhe uma lição.

— Uma lição?

— Sim. A sua posição como secretário do ministro dá-lhe uma grande autoridade relativamente às notícias. Sempre que o senhor falar, os agentes de câmbio apressam-se a estenografar as suas palavras. Faça-a perder cem mil francos e isso ensiná-la-á a ser prudente.

— Não compreendo — murmurou Lucien.

— Mas é muito claro — respondeu o jovem homem, com uma ingenuidade autêntica. — Numa manhã destas diga-lhe algo de inesperado, uma notícia telegráfica que só o senhor saiba. Por exemplo, que Henrique IV foi visto ontem na casa Gabrielle. Isso fará subir os títulos, ela fará a sua jogada em conformidade, e perderá quando Beauchamp escrever no

jornal no dia seguinte: «A notícia, colocada a circular por algumas pessoas geralmente bem informadas, de que o rei foi visto ontem na casa Gabrielle não tem qualquer fundamento. O rei Henrique IV não saiu da Ponte Neuf.»

Lucien esboçou um sorriso. Monte Cristo, apesar de parecer indiferente, não perdeu uma palavra da conversa, e o seu olho penetrante até conseguiu ler um segredo no constrangimento do secretário.

Este constrangimento, que tinha escapado completamente a Albert, fez com que Lucien encurtasse a sua visita.

Ele estava evidentemente pouco à vontade. Ao despedir-se, o conde disse-lhe qualquer coisa em voz baixa, à qual ele respondeu:

— De boa vontade, senhor conde, aceito.

O conde voltou para junto do jovem Morcerf.

— Não acha, pensando melhor — disse-lhe ele —, que fez mal em falar da sua sogra dessa maneira na presença do senhor Debray?

— Peço-lhe, conde — disse Morcerf —, que não use essa palavra tão prematuramente.

— Agora, e sem exagero, a sua mãe é assim tão avessa ao casamento?

— Tanto que a baronesa raramente vai lá a casa. E, quanto à minha mãe, penso que não terá visitado a senhora Danglars duas vezes em toda a sua vida.

— Então — disse o conde —, atrevo-me a falar abertamente consigo. O senhor Danglars é o meu banqueiro. A senhora de Villefort tem-me enchido de delicadezas em retribuição de um serviço que uma casual boa sorte me permitiu prestar-lhe. Prevejo toda uma avalanche de jantares e de festas. Ora, para não parecer que me aproveito faustosamente de tudo, e também para ter o mérito de me antecipar a eles, se assim o entender, pensei em convidar o senhor e a senhora Danglars, e o senhor e a senhora de Villefort, para a minha casa de campo em Auteuil. Se eu o convidasse a si, ao conde e à condessa de Morcerf para este jantar, isso poderia dar a aparência de se tratar de um encontro matrimonial, ou pelo menos assim o julgaria a senhora de Morcerf, especialmente se o senhor barão Danglars me desse a honra de trazer a sua filha. Nesse caso a sua mãe iria detestar-me, e eu não quero isso. Pelo contrário, e diga-lho sempre que a ocasião seja propícia, desejo ser estimado por ela.

— Claro, conde — disse Morcerf. — Agradeço-lhe que tenha usado tanta franqueza comigo, e aceito a exclusão que propôs. Diz que deseja ser estimado pela minha mãe e asseguro-lhe que já o é.

— Pensa que sim? — disse o Monte Cristo, com interesse.

— Oh! Tenho a certeza. Falámos de si durante uma hora, quando nos deixou no outro dia. Mas voltando à nossa conversa. Arrisco-me a dizer que, se a minha mãe soubesse desta atenção da sua parte, lhe ficaria muito grata. Mas é verdade que o meu pai ficaria furioso.